

## CALELA, CALELA, MI LEVA\*

ARTUR QUEIROZ

Os cafezeiros floriam e adoravam as matas de Kazengo, no tempo em que os leões atravessavam, pachorrentos, as picadas bordejantes de takulas, panga-pangas e muanzas. A lua das mil e uma noites lá estava, despejando um luar ondulante sobre o manto verde dos morros de Dala Tando. Nas colinas de Katunda, o rapaz da Kaipemba, à luz da fogueira, parecia um corpo incendiado pelas cruces de fogo do Alabama, à beirinha do Mississipi.

Serpenteando a picada de terra vermelha, em direcção ao Norte, subitamente aparecia Samba Caju, uma aldeia com casas de pau-a-pique. Num velho barracão de adobe e coberto a zinco ferrugento ficava a pensão, que tinha apenas três quartos, para passantes, e um bar enorme, cheio de mesas. Ali se jogava, ali se bebia, até o Cruzeiro do Sul envolver a noite nas suas estrelas e levá-la para o reino dos kazumbis.

Tu sabias, meu amor, que a mulemba é o pau de fazer canoas? E que nos ramos mais frondosos das mulembas, dançam, alta noite, os mais terríveis feiticeiros?

Sob o alpendre da pensão, Calela dedilhava seu txissangi, dentro de uma cabaça. O som brotava limpo e transmitia-se em ondas suaves até às montanhas. E Calela cantava. Não era um canto, era um lamento ululante, por vezes grosso como um ronco de leão. Nas noites sem choros nem gritos, o som do txissangi chegava a quilômetros de distância. Calela dizia que era a cabaça que lhe dava asas.

Calela estava cego como o farol do Ambriz, abandonado há anos, com a estrutura em ferro corroída pelo salitre das brisas do mar. E tu, meu amor, lembras-te do farol da Praia das Palmeirinhas, inútil, carcomido pela rebentação das ondas, mas teimosamente em pé? E depois do areal, lá longe, aquela paliçada de coqueiros que era apenas uma mancha, insinuando a aldeia dos pescadores? Os olhos de Calela eram assim como aquela insinuação de aldeia, aquele capinzal verdejando ao sol tórrido de Dezembro. O seu rosto era uma boca modulando o som de um cântico doloroso, um nariz com largas asas batendo ao compasso da respiração e a mancha dos olhos.

Foi ali, nas colinas de Katunda, que Calela ficou sem os olhos. Ele bem foi avisado pelo pássaro da morte que ha-,,ia cobra cuspidreira no caminho. As mulheres e as crianças, que o acompanhavam, fugiram para a aldeia, com o coração apertado por maus presságios. Mas Calela era um poderoso, tinha tonga de café, lavras de mandioca e batata doce, cinco mulheres, bois, cabras e galinhas. O pássaro da morte não era nada perante o seu poder. Até os brancos lhe tratavam com respeito...

---

\* Transcrito do nº 1 de **O Papel do Jazz** – Edições Cotovia – Lisboa, com autorização do Editor.

Mas, de repente, do verde cru da mata ergueu-se a cobra, negra, que sibilou breves segundos, lançando veneno aos olhos de Calela que, já sem ver, ainda descobriu o caminho de regresso a casa. Foram os aromas da flor do cafezeiro que lhe serviram de guia.

Desde então, Calela ficou na aldeia dedilhando um txissangi que suas mãos construíram. Sem olhos, perdeu o poder. Dos tempos de glória apenas ficaram seus dedos mágicos arrancando sons das palhetas do instrumento. Mas uma das suas sogras quis libertar a filha de um homem sem olhos. E um dia convenceu Calela a provar que ainda era útil. Desafiou-o a rachar lenha. Meteu-lhe nas mãos uma cataria afiada e, junto de um tronco grosso, pôs os paus que era preciso cortar, entusiasmando Calela à medida que este dava golpes extraviados. E quando lhe ganhou a confiança, pegou no seu filho mais novo, criança ainda de mama e canto de ninar, colocando-lhe a cabeça no cepo.

- Corta, gritou a sogra.

E ele, eufórico, desferiu a catanada com todas as forças, decapitando o filho.

Naquele tempo começavam a circular carreiras de passageiros, nas picadas poeirentas do Kuanza Norte e Uíje. Expulso da aldeia por ter decapitado o filho, Calela percorria todos os lugares da região. Trazia ao ombro um saco tecido a sizal onde guardava o txissangi e a cabaça e mais as esmolos que lhe davam. E tocava, tocava acompanhando os sons do txissano com aquele canto rouco, sofrido, desesperado. Quando as distâncias eram longas, pedia boleia aos motoristas das carreiras.

- Calela, calela, mi leva!

E os motoristas, umas vezes levavam-no. Outras vezes deixavam-no em terra, dedilhando o txissangi, até que o tempo lhe trouxesse nova oportunidade. Foi por ter pedido tantas boleias aos motoristas das carreiras que lhe passaram a chamar Calela.

O rapaz da Kaipemba encontrou-o, vezes sem conta, no Lucala, em Samba Caju, no Pango, em Nambuanguongo, no Zala, nas fazendas do Pingano (o único sítio onde, meu amor, um ser humano pode morrer sem pena de morrer) e também para lá dos morros, em Camabatela, Quitexe, Uíje, Negage, Dimuca, Luinga. Beberam juntos malavo e kimbombo, aguardente do puro e vinho tinto. Calela, embriagado, tirava do txissangi sons como os odores das brancas flores dos cafezeiros.

Conversa de bebida não enche barriga mas é a expressão fugaz da felicidade. O rapaz da Kaipemba e Calela fizeram demarcações de tongas de café e palmares, criaram milhares de cabeças de gado nos planaltos verdejantes de Camabatela, dançaram com meninas bonitas em cima das águas do Lucala e do Kuanza e o txissangi falava desses casos, como se fosse gente.

A caminho do Mbindo havia um jambeiro e Calela sentava-se ali à sombra até que passasse a carreira para o Quitexe. O rapaz da Kaipemba trepava na árvore colhia jambos e ambos comiam até o sumo escorrer pelos cantos da boca.

Meu amor, sabes que os jambos sabem ao perfume (Ias rosas e Calela tirava do txissangi o sabor dos jambos madurinhos?

O cego gritava sempre o mesmo refrão nas suas canções desesperadas: calela, calela, mi leva!

O rapaz da Kaipemba perguntava a Calela porque andava sempre a mudar de terra, se não via o mundo.

- Qualquer sítio é bom para ti, desde que haja bebida e comida ...

Calela continuava a dedilhar o txissangi e a cantar, ignorando a conversa (laqueie viajante de picadas e caminhos escondidos nos matagais das montanhas. Mas um dia, fixou seus olhos baços no horizonte e falou sua verdade, perguntando zangado: conheces alguém que tenha visto o mundo? Nós só vemos o nosso pensamento. O mundo é outra coisa.

- Mas antes da cobra te comer os olhos não era melhor?

- Antes eu pensava que via as pessoas mas só via o que eles me mostravam. Ia para as tongas de café, via tudo muito bem, mas não via o perfume da flor do cafezeiro, nunca ninguém o viu. Meus olhos nem sequer viram a cobra cuspidora, que estava ali corno um pau de capim, se ondulando, cuspidora. E minha cabeça sem olhos não viu o cheiro a leite do meu filho e por isso lhe cortei a cabeça... calela, calela mi leva!

Ele não falava, cantava. Ele não dedilhava nas palhetas do txissangi, mostrava-nos um mundo que nenhum olhar, até hoje, conseguiu encontrar.

O rapaz da Kaipemba, no seu sonho de viajar, navegou desde Luanda ao mar de Ambriz, percorreu todos os caminhos de Dala Tando, andou nas margens transbordadas do Dange e do Lucala, percorreu as colinas de Katunda, caçou na serra do Pingano, na Kananga, no Mukaba, e nunca ouviu falar assim. Aquele cego era um deus. Punha nos sons do txissangi as nossas mais doces memórias, os nossos mais finos sabores, os mais refinados odores. Que deuses, meu amor, inventam mãos que constroem txissangis e os tangem assim? Que religião adoram estes senhores de um Éden tão próximo do nosso corpo e da nossa memória?

- Calela, Calela, mi leva!

Um dia o rapaz da Kaipemba meteu na sacola os horizontes, os morros do Pingano, as colinas de Katunda e partiu para a cidade grande, mesmo à vista do mar. O cego continuou boleando carreiras e vivendo de esmolas em troca de seus sons celestiais e suas canções desesperadas. Quando o rapaz regressou, era tão tarde, meu amor. O caminho entre a Lucala e o Samba Caju estava cheio de mortos. O cheiro a morte e pólvora não o deixou reconhecer o finíssimo perfume dos cafezeiros em flor. Na velha pensão da Samba Caju, ninguém bebia, ninguém jogava, ninguém! E tudo estava em ruínas.

O rapaz da Kaipemba só reconheceu o local pelo som de um txissangi que se expandia até ao mais alto dos morros verdes e pelo grito calela, calela, mi leva!

No reencontro falaram dos seus mundos e dos seus pensamentos. Em respeito pelos mortos, Calela propôs um kombaritokué. O rapaz da Kaipemba respondeu que sem bebida era impossível varrer tantas cinzas. Calela continuou a tocar, ignorando a grande dificuldade em arranjar os ingredientes do komba.

Então, o rapaz da Kaipemba foi ter com a coluna militar que estava estacionada no alto de um morro. Falou com Pineda, um cubano índio que comandava aquele destacamento. Pediu-lhe uma garrafa de rum, carta blanca, para o kombaritokué dos mortos que apodreciam na berma da estrada, entre Lucala e Samba Caju.

- É uma questão religiosa...

O cubano aceitou partilhar a sua reserva quente com o rapaz da Kaipemba. Um cego, um viajante de todos os caminhos, um txissangi, o Cruzeiro do Sul e uma garrafa de rum serviram para adormecer a revolta, colorir a tristeza e limpar o terreiro. Na hora dos kazumbis, a festa dos mortos começou.

- Só falta um txingufo para a batucada, Calela!

- A última vez que vi um txingufo, era menino e meu avô o enterrava bem longe de todos os caminhos.

O txingufo era um tambor enorme, percutido com um pau em forma de gancho. Nos tempos da escravatura e do contrato, servia para avisar as aldeias que estavam chegando negreiros, cipaios e kapitais para levar os homens. Quando os traficantes chegavam às aldeias, só encontravam velhas e velhos e algumas crianças famintas.

Quando se descobriu que a causa dos insucessos no negócio de escravatura era aquele insignificante tambor, ele foi banido. Onde fosse encontrado um txingufo, havia castigos de morte.

Mais tarde, meu amor, vi um músico tocar txingufo num festival europeu de jazz de vanguarda. Chamavam-lhe bateria infinitiva e dizia-se no programa que o instrumento era originário do Egito. Ainda estive para explicar-lhe que o txingufo era de Angola e serviu para salvar milhares de pessoas da escravatura. Mas o que havia para dizer de novo, a quem batizou o txingufo de bateria infinitiva?

- Calela, calela, mi leva!

O komba durou uma noite inteira, sem tambores nem batucada, apenas ao som do txissangi e da conversa murmurada de Calela e do rapaz da Kaipemba. Quando o sol rompeu, o cego tirou da sacola uma amálgama de folhas verdes, quase negras, com gestos precisos esfarelou uma porção para a fornalha do cachimbo e ambos fumaram, muito devergar. Depois, da cabaça saiu limpíssimo o som das palhetas do txissangi. O rapaz de Kaipemba riu, riu, riu. Ele queria parar de rir mas não conseguia. E o cego cantava: venham ver, venham ver um homem feliz, venham ver. Há aqui um homem feliz, há aqui um homem feliz, venham ver. Então tenho aqui um homem feliz e ninguém, ninguém no mundo quer ver o que é um homem feliz? Venham ver, venham ver que eu não posso, venham ver o que é um homem feliz. Calela, calela, mi leva, mi leva!

E o rapaz da Kaipemba ria, ria, cada vez mais. O som do txissangi levava suas gargalhadas até aos morros, arrastava-as pelo vale até às águas birrentas do Lucala. E Calela cantava: venham ver um homem feliz, venham ver que eu não tenho olhos para ver o que é um homem feliz. Calela, calela, mi leva!

À frente deles estavam as montanhas, parindo ondas de verde, libertando das entranhas vidas novas, indiferentes aos tempos que domamos. O rapaz da Kaipemba deixou adormecer os olhos nos morros batidos pelo sol, ignorou Calela e refugiou-se na comodidade do esquecimento. O txissangi continuava a chorar os mortos, sozinho. As mãos do cego manipularam um sopro vital que deu ao instrumentó a dimensão da vida.

- Calela, calela, mi leva, mi leva!